

A CARICATURA NO BRASIL NA OBRA DE J. CARLOS

Duflío Battistoni Filho
(Professor do IAC/PUCAMP)

Surgida no Egito, na dinastia de Ramsés II, a caricatura tornou-se, através do tempo, contundente forma de satirizar os costumes e os políticos de cada época. O jornalismo encarregou-se de incentivar essa arte, transformando-a em arma de denúncia contra os vícios e erros da sociedade. J. Carlos, considerado a maior figura do mundo da caricatura, teve uma carreira meteórica, iniciada com as suas colaborações para *O Tagarela* (1902) e terminando nas revistas *A Careta*, *O Cruzeiro* e *Fon Fon*. Sua criatividade alimentava-se do cotidiano e, para imaginar os seus tipos, muitos deles utilizados pela Publicidade, andava de bonde ou de trem, e não de carro, à procura de modelos escolhidos, entre as pessoas do povo. Caracterizou-se J. Carlos, em seus trabalhos, como intransigente defensor da liberdade.

A caricatura¹ ocupa um lugar destacado no panorama das artes plásticas, como manifestação de espírito e como peça de valor histórico-documental. A sua maior função sociológica é procurar satirizar, criticar e testemunhar o comportamento de personagens de uma época.

Foi no Egito que a caricatura nasceu, na dinastia de Ramsés II, como atestam dois papiros do Museu de Turim e do Museu Britânico, representando o faraó, a rainha e os grão-sacerdotes sob disfarce de animais. São também conhecidas as paródias chistosas dos vasos gregos visando aos próprios deuses, como os graffiti de Roma, que ridicularizam os primeiros cristãos. Na Idade Média os escultores se divertiam povoando as catedrais de pequenos demônios grotescos, ao lado dos santos.

Entretanto, foi com a invenção da imprensa que a caricatura se popularizou, especialmente ao utilizar a litografia nos fins do século XVIII.

NUM. 1

CARETA



AFONSO PENA

J. Carlos . Capa do 1º número da *Careta* (6-6-1908).

Fundada em 6 de junho de 1908, a revista *Careta* obteve, já naquele ano, o Grande Prêmio da Exposição Nacional e se destacava pela criação gráfica, literária e artística. Feita para o povo, era, segundo R. Magalhães Júnior, encontrada em todas as barbearias e consultórios de médicos e dentistas, de norte a sul do Brasil. A capa de seu primeiro número foi ilustrada com um desenho de J. Carlos, focalizando o rosto do sexto presidente brasileiro, Afonso Augusto Moreira Pena.

Inicialmente, simbólica, com o tempo tornou-se deformadora, no afã de provocar o riso fácil, exagerando os vícios e as virtudes enfocadas.

O papel do caricaturista porém, mais do que julgar, é testemunhar a História. Seus méritos não consistem apenas no virtuosismo e na intensidade de sua linguagem gráfica, e sim no que pode informar ou sugerir. Interessante a observação de Henri Bergson, filósofo francês, sobre a caricatura: "sua arte consiste em captar o movimento às vezes imperceptível, e em torná-lo visível a todos os olhos mediante ampliação dele"².

O caricaturista, para bem exercer sua função, deve ter, além do poder de observação, uma visão aguçada das atitudes psicológicas e uma memória visual privilegiada. Até pouco tempo atrás, sua arte foi relegada a um segundo plano, pois sociólogos e historiadores de arte, mal informados, não a situavam no contexto evolutivo da humanidade.

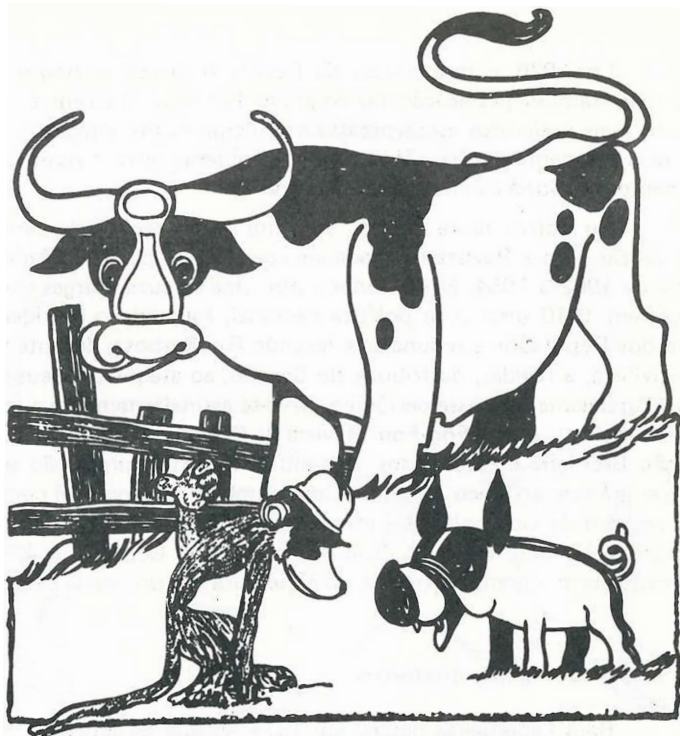
No Brasil colonial, dentre os poetas satíricos, verdadeiros críticos da sociedade da época, desponta a figura do baiano Gregório de Mattos Guerra (1633 – 1696) conhecido como o **Boca do Inferno** tal a virulência de seus panfletos, estrofes e sátiras, terríveis libelos contra autoridades civis e membros do clero.

A primeira caricatura no Brasil

Todavia, é no Império que a caricatura vai-se desenvolver e ser reconhecida como arma de denúncia contra os vícios e erros da sociedade. A primeira caricatura foi impressa na oficina litográfica de Victor Larée, no Rio de Janeiro, a 14 de dezembro de 1837. Era uma prancha solta, para venda avulsa, mostrando o jornalista Justiniano José da Rocha servilmente de joelhos no meio da rua, para receber das mãos de um fidalgo da corte um saco de dinheiro marcado com o salário de diretor do **Correio Oficial**. Via-se, ainda, ao fundo da cena, um grupo de jornalistas, fugindo com repulsa à oferta palaciana. O caricaturista estigmatizava assim o procedimento de Justiniano, que deixara um jornal independente, para dirigir o órgão do governo.

Famosas foram as caricaturas atribuídas ao pintor Manuel de Araújo Porto Alegre³ contra Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu jornal **Sete de Abril**. Bernardo aparece de muletas, em várias situações grotescas, ora de Napoleão estropiado, ora de rei Nabucodonosor, trepado num barril, com que se fazia então o despejo das imundícies da cidade. No barril estava pintado o título do jornal.

Como podemos perceber, a caricatura no Brasil se desenvolvia com claros propósitos de sátira política, direta e contundente. Artisticamente, ligava-se por suas origens evidentes, à caricatura francesa, notadamente quanto ao desenho, mas na dependência, contudo, do litógrafo, quando não era ele o próprio caricaturista.



O MACACO: O PORCO:

Você desculpe, compadre
Mas essa história 'stá pau.
Além de ser muito longa,
Não creio que o bacurau
Tenha roubado o relógio,
Sua roupa, seu dinheiro,
Um gramofone completo,
Três camisas, um pandeiro...

O PORCO:

'Stá bem, 'stá bem, seu compadre
Eu contei como isso foi.
Se tu não vais nesse conto,
Eu vou amolar o boi.

J. Carlos. Capa de **O Tico-Tico** (17-3-1926).

Em 1905 foi lançada no Rio de Janeiro a revista **O Tico-Tico**, que se caracterizou, desde o primeiro número, pela contribuição de inúmeros caricaturistas. J. Carlos nela colaborou regularmente, deixando uma série de criações inesquecíveis, destinadas às crianças, como os personagens Juquinha, Lamparina, Jujuba e Carrapicho. **O Tico-Tico** foi, talvez, a publicação infanto-juvenil de maior prestígio e, ao ser comemorado o seu cinquentenário, artistas e escritores reconheceram nela um dos grandes fatores de incentivo à sua arte e às suas letras, como Gilberto Freyre, Tristão de Ataíde e Carlos Drummond de Andrade. Um diálogo entre o porco e o macaco, ouvido pelo boi, ilustrado por J. Carlos, foi a capa de **O Tico-Tico** de 17 de março de 1926.

Em 1876, com a criação da **Revista Ilustrada** de Angelo Agostini, a mais famosa publicação do Segundo Reinado, crescem as sátiras contra os mais poderosos escravocratas e principalmente atingindo D. Pedro II pela sua contemporização diante do problema servil e visando ainda os elementos ligados à campanha republicana⁴.

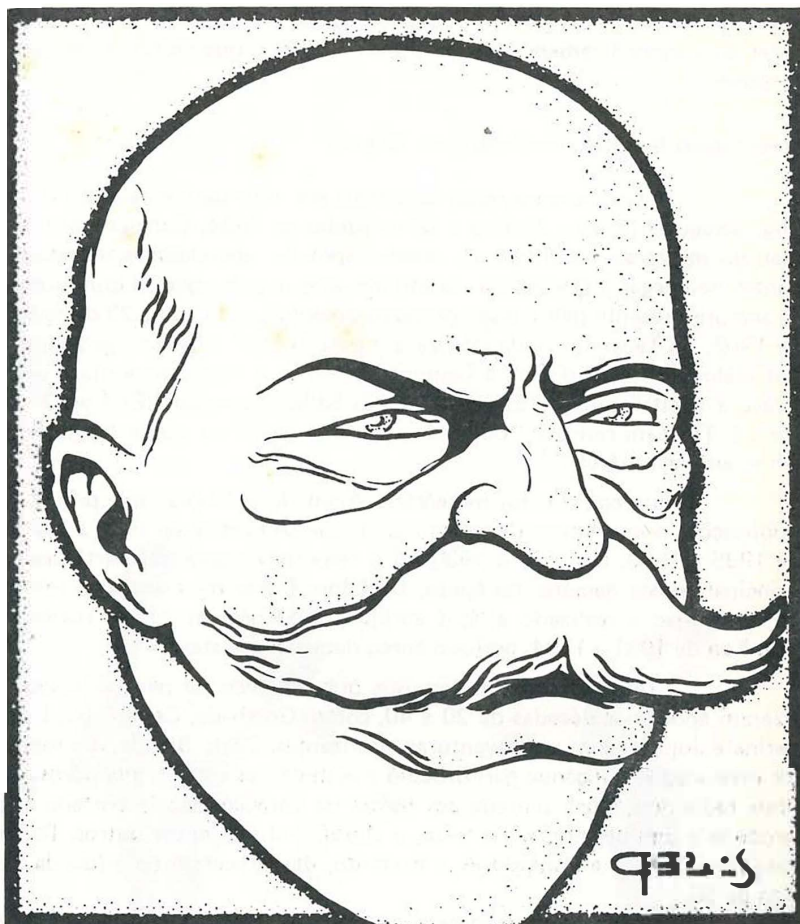
No correr deste século, somente outra revista de caricatura pôde rivalizar com a **Revista Ilustrada** em aceitação popular: **O Malho**, que circulou de 1902 a 1954. Basta lembrar que uma de suas charges chegou a provocar em 1910 uma crise política nacional, forçando o presidente da Câmara dos Deputados a renunciar e levando Rui Barbosa, durante a campanha civilista, a revidar, da tribuna do Senado, ao ataque dos seus caricaturistas. Paralelamente a esse periódico, deve-se assinalar também a atuação de outras revistas, como **Fon-Fon**, **Revista da Semana**, **Careta**, **D. Quixote**, **Ilustração Brasileira** e **Para Todos**, que muito se distinguiram não só pelo alto nível gráfico, artístico e literário, mas também pela notável contribuição ao registro da vida política e social do Brasil, através de charges admiráveis, principalmente de Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro e J. Carlos que constituíram a grande trindade da caricatura das primeiras décadas do século.

Crítica severa aos regimes ditatoriais

Raul Pederneiras nasceu em 1874 no Rio de Janeiro e morreu nesta mesma cidade em 1953. Lecionou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e na Escola Nacional de Belas-Artes. Obteve a medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908 e a de prata no Salão de Belas-Artes de 1917. Criou no **Jornal do Brasil**, o quadro diário **Vida Carioca**. Crítico severo dos regimes ditatoriais, seus desenhos refletem não só a alma popular, mas satirizam os preconceitos burgueses e a presunção dos ocupantes de cargos elevados na administração. Sua versatilidade reflete-se em seus livros: **Lições de Caricatura**, **Geringonça Carioca**, **Com licença**, **Versos** e **Musa Travessa**.

Kalixto, nome por que ficou conhecido Calixto Cordeiro, nasceu em Niterói, em 1877 e morreu no Rio de Janeiro, em 1957. Entrou para a Escola Nacional de Belas-Artes, em 1895. Participou do Salão dos Humoristas no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1916. No Salão Nacional de Belas-Artes conquistou medalhas de bronze, em 1954. Seus tipos tornaram-se conhecidos durante dezoito anos através de anúncios para a Loteria Federal, nos quais popularizou expressões como "o seu dia chegará", "insista, não desista", "até que enfim" e "fique rico", incorporadas na época ao linguajar do povo.

Cumpramos assinalar, todavia, que a maior figura do mundo da caricatura foi a de J. Carlos, considerado um dos maiores desenhistas do



O BARÃO

J. Carlos. Capa da *Careta* nº 2 (13-6-1908)

José Maria da Silva Paranhos do Rio Branco (era assim que assinava todos os documentos), nas funções de Chanceler, alcançou uma respeitosa consagração popular. À simples enunciação da palavra *Barão*, todos sabiam que se tratava de uma referência a ele. Exclusivamente a ele. No exemplar nº 2 da revista *Careta*, de 13 de junho de 1908, J. Carlos, homenageava ao grande brasileiro, a quem Ruy Barbosa classificou de "nume tutelar, como o deus Terminus, de nossa integridade nacional".

país, reconhecido internacionalmente pela sua grande capacidade artística, a ponto de suas charges serem reproduzidas no estrangeiro. Vamo-nos deter aqui especificamente na sua grande obra e o que muito representou na época.

Personagens famosos nas décadas de 20 a 40

J. Carlos, cujo nome completo era José Carlos de Brito e Cunha, nasceu no Rio de Janeiro a 18 de junho de 1884. Começou a trabalhar na imprensa no início do século, após ter abandonado os estudos “antes de chegar à Geometria” como ele sempre pilheriava. O humor esteve sempre presente desde o seu primeiro desenho publicado a 23 de agosto de 1902, no *Tagarela*⁵ onde satirizava o Estado do Rio. Na charge aparecia um diálogo entre Tio Sam e Campos Salles. O primeiro perguntava onde ficava a capital daquele Estado. Campos Salles responde: “Está em Niterói”. E Tio Sam retruca: “Como é que muita gente diz que a capital está em estado lastimável?”⁶

Sua carreira foi meteórica. Além de colaborar nas principais publicações humorísticas de seu tempo, dirigiu *A Careta*, de 1908 a 1921 e de 1935 a 1950. De 1922 a 1930 foi o responsável pela seção artística da principal revista nacional da época, *O Malho*. O seu traço bastante refinado, definitivo e realizado a lápis enriqueceu as páginas de *O Cruzeiro* e *Fon-Fon* de 1931 a 1934, período áureo daquelas revistas.

Criou personagens famosos que em bico de pena e nanquim fizeram época nas décadas de 20 a 40, como: Goiabada, Carrapicho, Lamparina e Jujuba, com suas aventuras eletrizantes; Zé do Bigode, um sonhador inveterado; o ingênuo gari Brocoió e as mulheres como a melindrosa de olhos redondos, boca pintada em forma de coração, cabelo cortado à la garçonne e um pega-rapaz na testa; o almofadinha e tantos outros. Todos esses personagens encantadores, entretanto, desapareceram no início da década de 50.

Os temas e personagens criados por J. Carlos permitiram uma análise estilística do desenvolvimento da Art Deco no Rio. Este se manifestava nos salões dos cabelereiros, nos cinemas, nos hotéis e até mesmo na moda. Sua criatividade alimentava-se do cotidiano e o transformava. Era comum o caricaturista andar de bonde ou trem, e não de carro, porque dizia que ali é que estavam os seus modelos.

Após 1930 J. Carlos começou a se utilizar da aquarela e o resultado é que o seu desenho passou a ser mais elegante, estilizado e com formas simples. Ele era capaz de traçar apenas uma linha contínua, que flui, tomando a forma que desejava. O caricaturista usava duas cores alternadas sobre o fundo branco: verde e cinza, rosa e cinza ou vermelho e preto, utilizando com frequência grandes superfícies chapadas. Seus dese-

nhos de linha fina e inquieta ora estilizavam, ora abstraham, de acordo, com o que contavam ou criticavam. É bom lembrar que ele escrevia as legendas e dava todas as indicações para a gráfica.

Em sua arte foi capaz de ser sóbrio, alegre, neutro, infantil, crítico, satírico e, principalmente, um grande humorista, apesar da amargura que experimentou ao fim de sua vida, quando chegou a declarar que fizera muito esforço para nada, sofrendo a grande concorrência dos originais estrangeiros estereotipados e lamentando sempre a baixa remuneração que recebia. Considerava os coronéis, as matronas e os almofadinhas execráveis expressões do ridículo. Recebia ameaças quando focalizava uma personalidade de destaque na política, nas letras ou nas artes.

Deixou mais de cem mil desenhos (dizia que todos eles dariam para forrar a Avenida Rio Branco) verdadeiros documentos para compreender a vida, o gosto, a política, as idéias, os desejos, os defeitos e as



TONELAGEM

- O senhor não imagina dinheirão que custam os meus vestidos.
- Ah ! eu calculo. A carne está muita cara.

Desenho de J. Carlos

Versátil, J. Carlos, com as suas caricaturas ilustrava histórias infantis, fazia sátiras aos políticos e também idealizava situações cômicas, de críticas à sociedade e aos costumes, como esta charge, que bem retrata a ostentação de uma dama, revelada pelas palavras fúteis com que se dirige ao seu elegante par.

virtudes de 40 anos da vida carioca e, ao mesmo tempo, de nosso momento atual.

Figura incansável, dedicou-se também à Publicidade, ao teatro, à música e à literatura⁷. Teria mesmo influenciado Walt Disney que, ao criar o Zé Carioca, inspirara-se num estudo do papagaio feito por ele.

Célebres foram os **portraits-charges** de personalidades como o Príncipe de Gales, Olavo Bilac, a poetisa Berta Singerman, Paulo de Frontin e Santos Dumont, dentre outros.

Vítima de uma hemorragia cerebral faleceu a 2 de outubro de 1950, quando conversava com João de Barro sobre a capa para um álbum de música infantil. J. Carlos era um verdadeiro humorista mesmo quando não estava com o lápis na mão. Dizia o que sentia e o que pensava, assim como desenhava o que queria. Era um ferrenho defensor da liberdade criticando e ironizando os seus inimigos.

Herman Lima, que o estudou detidamente, disse a seu respeito: "as charges que criou dariam para encher vários álbuns dos gêneros mais diversos, **portraits-charges**, caricaturas políticas, histórias infantis, cenas de rua ou de salão, sátiras de costumes, simples anedotas que tinham todo o sabor de **boutades** parisienses, ou ilustrações para os versos de Olavo Bilac, Emílio de Meneses, Aníbal Teófilo ou Olegário Mariano (...) em aguadas, aquarelas e bicos de pena, das mais belas que já se fizeram entre nós e que tornavam os números de Natal da **Careta**, do **Para Todos** e da **Ilustração Brasileira**, de tantos anos, o mais delicioso dos presentes de festas"⁸.

Referências Bibliográficas

- (1) A palavra caricatura apareceu na Itália, na segunda metade do século XVII, originando-se do verbo caricare (carregar, pesar). Em Arte, referia-se a um desenho de representação gráfica carregada. É por isso que, em Francês, igualmente até hoje o desenho de humor é denominado charge.
- (2) BERGSON, Henri. **O Riso**. Edit. Zahar, 1980, p. 22.
- (3) Educado na escola caricatural de Honoré Daumier (1808 — 1879) célebre humorista francês da segunda metade do século XIX.
- (4) BARATA, Mário. "Século XIX. Transição e início do século XX". In: **História da Arte no Brasil**. São Paulo, Instituto Walter Moreira Salles, 1983, vol. 1, p. 447.
- (5) PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro, Edit. Civilização Brasileira, 1969, p. 278.
- (6) REBELLO, Gilson. "J. Carlos, cem anos: o traço ágil do humor". O Estado de São Paulo, 17-6-1984.
- (7) Foi autor de um livro infantil chamado "Minha Babá" com 14 ilustrações.
- (8) LIMA, Hermann de Castro. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro, Edit. José Olympio, 1963, 3º volume, pp. 1081 — 1082.